

## **A SAÚDE DAS BOMBEIRAS MILITARES: A REPRESENTAÇÃO DE DOENÇAS LABORAIS NA SEGURANÇA PÚBLICA**

*Reycilane Carvalho Silva<sup>1</sup>*

*Keila Patrícia Almeida de Carvalho<sup>2</sup>*

*Dielle Silva<sup>3</sup>*

### **RESUMO**

Este trabalho procura elucidar de forma primária a partir da farmacologia utilizada pelas mulheres que trabalham no Corpo de Bombeiros Militar de Goiás (CBMGO), doenças e predisposições de natureza física, psicológica e mental que asseveram o comprometimento de sua saúde e segurança laboral, principalmente em relação à atividade que desempenham seja ela de atendimento ao público ou de serviço interno. Em suas mais variadas formas de exercício a atividade de bombeiros é considerada de intensa periculosidade, insalubridade e até mesmo penosidade, que levam ao desgaste e, principalmente, adoecimento com o passar dos anos e variadas formas de exposição durante o exercício da atividade. Para o entendimento desta perspectiva, fez-se necessário conhecer particularidades da vida, saúde, trabalho e adoecimento das bombeiras numa lógica que categoriza tempo, tipo de serviço prestado e condição laboral que contrabalanceadas as mais variadas formas de uso medicamentoso, revelam sob um olhar mais crítico, um adoecimento peculiar dessas profissionais. Assim sendo, o resultado desta formatação gênero, trabalho e desenvolvimento de doenças conjecturou o entendimento de uma situação laboral que evidencia o comprometimento da saúde dessas mulheres, tendo em vista que, a maior parte delas, desenvolveram doenças de cunho físico e principalmente psicológico no exercício da profissão.

**Palavras-chave:** Trabalho; gênero; doenças ocupacionais e bombeiro militar.

---

<sup>1</sup> Doutora em Sociologia do Trabalho pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Chefe da Seção de Pesquisa e Operações em Tecnologia de Incêndio (SPOTI) do Centro de Operações e Tecnologia de Incêndio (COTI) do Corpo de Bombeiros Militar de Goiás (CBMGO), integrante da Revista Brasileira de Estudos sobre Segurança Pública (REBESP), docente no curso de especialização da Academia da Polícia Militar de Goiás (APMGO). Integrante do Corpo de Bombeiros Militar de Goiás há dezoito anos. Email: [reycehadud@gmail.com](mailto:reycehadud@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestra em Medicina Tropical e Saúde Pública (UFG), com concentração na área de Patologia pelo instituto de Patologia Tropical e Saúde Pública (IPTSP-UFG). Email: [keilapac@hotmail.com](mailto:keilapac@hotmail.com)

<sup>3</sup> Graduada em Farmácia pela Faculdade Anhanguera - Regional Anápolis no ano de 2010, profissional da indústria farmacêutica por cerca de 10 anos, bombeira militar há mais de quatro anos. Email: [diellefreitas@gmail.com](mailto:diellefreitas@gmail.com)

## **THE HEALTH OF MILITARY FIREMEN: THE REPRESENTATION OF OCCUPATIONAL DISEASES IN PUBLIC SECURITY**

### **ABSTRACT**

This work seeks to elucidate, from the pharmacology used by women working in the Military Fire Department of Goiás (CBMGO), diseases and predispositions of a physical, psychological and mental nature that assert the commitment of their health and occupational safety, especially in relation to the activity they perform whether is public service or internal service. In its most varied forms of exercise the activity of firefighters is considered of intense dangerousness, unhealthiness and even hardwork, which lead to wear and, mainly, illness over the years and various forms of exposure during the exercise of the activity. To understand this perspective, it was necessary to know the particularities of life, health, work and illness of the fire crackers in a logic that categorizes time, type of service provided and work condition that counterbalanced the most varied forms of drug use, reveal, from a more critical view, a peculiar illness of these professionals. Thus, the result of this gender, work and disease development formatting conjecture the understanding of a work situation that evidences the commitment of the health of these women, considering that, most of them, they developed physical and mainly psychological diseases in the exercise of the profession.

**Keywords:** Work; gender; occupational diseases and military firefighters.

**Artigo Recebido em 20/11/2022 e Aceito em 28/06/2022**

## 1. INTRODUÇÃO

O trabalho de bombeiros é considerado atualmente como uma atividade moderna, perigosa, insalubre e penosa em muitas de suas frentes de atuação. Parte desta última categorização foi fortemente ressaltada pela mídia nos salvamentos e resgates efetuados pelos bombeiros militares no rompimento da barragem em Brumadinho (MG), no ano de 2019, gerando um dos maiores desastres com rejeitos de mineração no Brasil, provocando danos enormes ao sistema industrial, humanitário e ambiental brasileiro, chegando a resultar em 259 mortos e 11 desaparecidos, contabilizados onze meses depois do rompimento da barragem, que elevou a categoria do referido desastre, ao patamar de segundo maior desastre industrial do século e o maior acidente de trabalho do Brasil<sup>4</sup>.

Com um perfil profissiográfico bastante significativo, em termos de risco, amplitude das áreas de enfrentamento do perigo e possibilidade de expansão das formas de contaminação, a atividade de bombeiros militares é expressa como algo difícil, que concatena um desgaste físico, mental e da própria saúde aliado a uma dedicação exclusiva que vai além das horas realmente dedicadas ao trabalho e que nem sempre tem seu reconhecimento por boa parte da sociedade (CHADUD, 2009).

Sabe-se que, a atividade de bombeiros possui uma grande representação social em meio à sociedade, como auferida nos últimos anos pelos mecanismos de opinião pública em âmbito mundial, chegando a alcançar um patamar de 95% de confiança e reconhecimento social. No Brasil, de acordo com a pesquisa IBOPE (2019), a atividade de bombeiros foi considerada como a profissão mais confiável entre todas as demais,

---

<sup>4</sup> Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Rompimento\\_de\\_barragem\\_em\\_Brumadinho#cite\\_note-mortes\\_oficiais\\_231-8](https://pt.wikipedia.org/wiki/Rompimento_de_barragem_em_Brumadinho#cite_note-mortes_oficiais_231-8)

alcançando cerca de 90% de aceitação pública e de seu reconhecimento social<sup>5</sup>.

É certo que a formatação de um caráter profissional diferenciado das demais atividades, que apregoa o salvamento de pessoas e bens, e um pronto-atendimento a todo cidadão, favorecem a uma melhor visibilidade social, mas isto por si só não consegue responder as inquietudes que se instauram acerca do exercício da tarefa que em termos de perigo, insalubridade e penosidade a categorizam de maneira surpreendente quando se leva em conta a segurança e adoecimento de quem o realiza.

Ao observar em particular as mulheres que exercem essa atividade, esta circunstância pode ser melhor apreciada tendo em vista que, “as mulheres vão mais ao médico que os homens”, de acordo, com o relato da pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2015) e da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS, 2013) o que favorece uma melhor aferição da categoria doença neste grupo. Assim, o recorte dentro da atividade de bombeiros do gênero feminino para este estudo justifica-se devido ao fato de as bombeiras poderem de maneira significativa apreender a noção de doença e, portanto, de sua correlação ao trabalho que executam de maneira mais apurada.

O objetivo então, pontua-se em esclarecer como se encontra a saúde das bombeiras militares em relação ao tempo de trabalho e atividade que executam dentro da corporação, tendo em vista, criar uma representação deste grupo como pessoas acometidas por doenças e se estas doenças podem ser apregoadas como decorrentes do serviço a partir do entendimento delas mesmas. Para isso, fez-se necessário efetuar uma pesquisa via *Google docs*, em planilha *form* que evidenciou o perfil social, laboral e de ingestão medicamentosa num laço temporal que categorizou a proeminência e nível de reincidência de doenças que de forma sugestiva acometem essas bombeiras.

---

<sup>5</sup> Disponível em <https://querobolsa.com.br/revista/profissoes-mais-confiaveis-para-os-brasileiros>

No total foram pesquisadas 100 (cem) bombeiras no estado de Goiás, resultando num total de quase um terço das bombeiras em atividade hoje.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

Em trabalho acadêmico anterior, já havia sido notada a correlação entre reconhecimento social (JODELET, 2001), risco ocupacional (BECK, 1998) e credenciamento da mídia em relação ao trabalho de bombeiros (CHADUD, 2013), onde observou-se integralmente o labor dos bombeiros de resgate nas cidades de Goiânia e São Paulo, a partir da visão que eles mesmos tinham acerca do que efetuavam como serviço prestado à sociedade e de sua construção social identitária como heróis. Foi verificado em resumo que, em Goiás, a ideia de herói era descrita como um apensado proposital que beneficiava somente aqueles que do serviço eram objeto, ou seja, as vítimas, mas não os próprios militares que, segundo seus depoimentos, não obtinham direitos, inclusive aqueles ligados ao exercício de trabalho, como: uma melhor escala de serviço, melhores condições físicas no ambiente de trabalho, melhoria salarial e melhores oportunidades de crescimento dentro da corporação.

Somada a essas dificuldades de enfrentamento dentro do ambiente de trabalho foi observado também a questão do cansaço, estresse e doenças advindas do serviço que contribuíram para acarretar problemas na vida pessoal e na própria ideia de um verdadeiro descanso, de um verdadeiro estado de ócio (GORZ, 2007) para estes militares. Partindo desta perspectiva de cansaço, não reconhecimento de direitos ligados ao tipo de trabalho efetuado e “idealização social de herói” notou-se que a categoria bombeiro militar era uma forte candidata a desenvolver um quadro de doença física, psicológica e, também social, devido ao número de bombeiros que mormente se projetavam

ao uso de drogas lícitas e ilícitas, principalmente após a vinda da aposentadoria, e antes dela, com o desenvolvimento da síndrome de *burnout*.

Buscando não apenas demonstrar esta assertiva, mas principalmente, considerar esta realidade como um problema social, sobremaneira pelo fato de que, estas mesmas pessoas eram e algumas delas ainda são, representantes do Estado designados para o serviço de salvar e proteger vidas e, segundo elas, estando doentes, não percebiam para si, a ideia de cuidado por parte da instituição, pois não percebiam o reconhecimento de seus direitos, da dignidade de sua pessoa como ser humano dentro do trabalho, especialmente em respeito a condições justas e favoráveis de trabalho, quando comparadas a outras áreas de execução de mesmo ou assemelhado serviço.

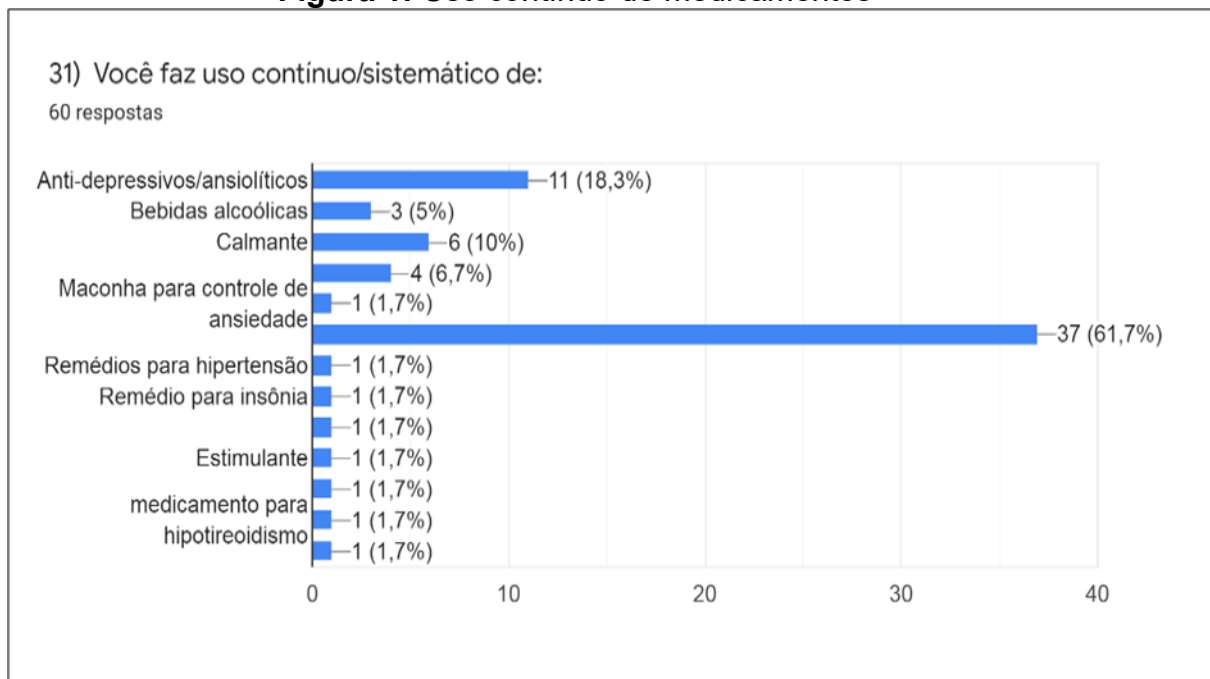
Diante deste impasse, em trabalho de doutoramento (CHADUD, 2017) propôs realçar a ideia dos direitos ligados à pessoa dentro do ambiente de trabalho, tendo em vista, somente a perspectiva das bombeiras militares que, como observado nas pesquisas anteriores, melhor abstraíram de sua vida laboral as conexões com possíveis doenças as quais eram acometidas e ainda, ressaltavam o pouco reconhecimento dentro da instituição de sua condição como militar, mulher e mãe. Na esteira deste entendimento, foi possível notar que, algumas doenças nas mulheres eram causadas por históricos de assédios morais e sexuais sofridos dentro da instituição, situação que afiançava o acometimento de doenças e afetava sobremaneira a relação casa e trabalho, já que muitas delas eram esposas de outros bombeiros.

A utilidade e acuidade destes indicadores, juntamente com o acréscimo do número de ocorrências que significativamente majoravam o desgaste e o surgimento de doenças, sobretudo psicológicas entre as bombeiras que, na relação casa/trabalho somavam uma jornada dupla e tripla, fomentada pelo desgaste emocional (HOCHSCHILD, 2008) permitia uma concepção acerca da instituição diferenciada daquela estimada pelo contexto social. Naquela época, de acordo com Chadud (2017), já se notava que, em relação aos bombeiros, as bombeiras estavam mais predispostas a doenças de cunho

emocional/psicológico o que veio a ser concatenado nesta pesquisa, pelo gráfico da Figura 1, que observa o histórico dessas militares em relação ao uso contínuo de medicamentos.

De acordo com o Figura 1, 61,7% das bombeiras militares que trabalham em Goiás declaram fazer uso contínuo/sistemático de remédios para insônia, seguidos de mais 18,3% que utilizam antidepressivos/ansiolíticos. Efetuando uma somatória entre esses dois maiores índices auferidos na pesquisa, tem-se um total de 80% de respondentes da pesquisa que utilizam remédios para desgaste e doenças mental/psicológico.

**Figura 1: Uso contínuo de medicamentos**



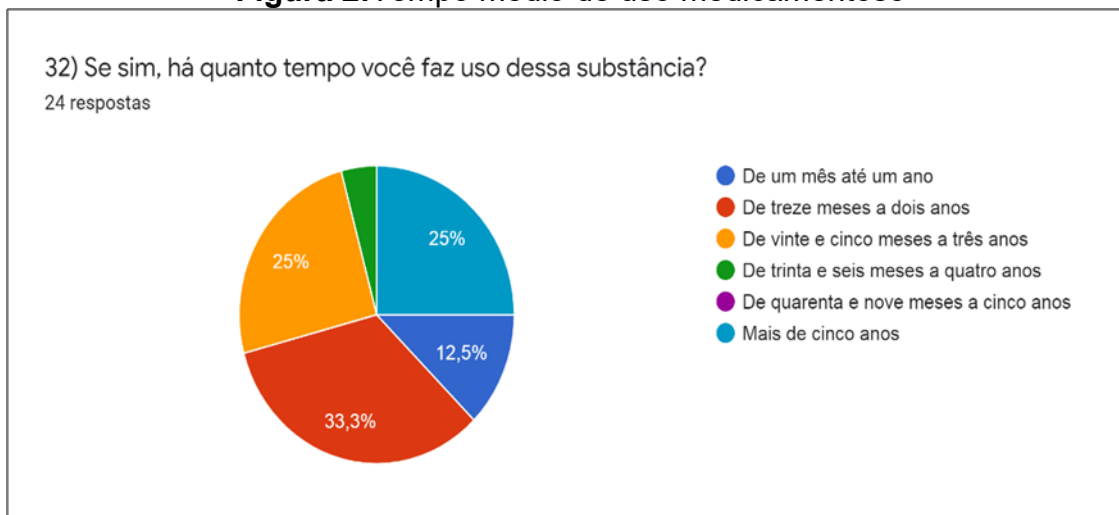
Fonte: CBMGO  
Elaboração: própria

Para asseverar esta realidade, observou-se o tempo médio (Figura 2) de uso deste medicamento e notou-se que 33,3% das bombeiras fazem uso medicamentoso entre 13 meses e dois anos, seguidos de 25% delas que fazem uso a mais de cinco anos e mais 25% delas que fazem uso medicamentoso entre vinte e cinco meses a três anos. Há ainda 12,5% delas

que fazem uso entre um mês e um ano e 4,2% entre trinta e sete meses a quatro anos.

Desta forma, observa-se que o histórico medicamentoso das respondentes de pesquisa auferem um número muito insignificante de bombas que usam medicamentos a menos de um ano, a maioria em somatória, alcança um percentual de 62,2% que fazem uso entre 13 meses a três anos, não se esquecendo dos 25% delas que fazem uso a mais de cinco anos do referido medicamento, o que as coloca num estágio de doença crônica de insônia e ansiedade, totalizando uma quarta parte do total de pesquisadas.

**Figura 2:** Tempo médio de uso medicamentoso

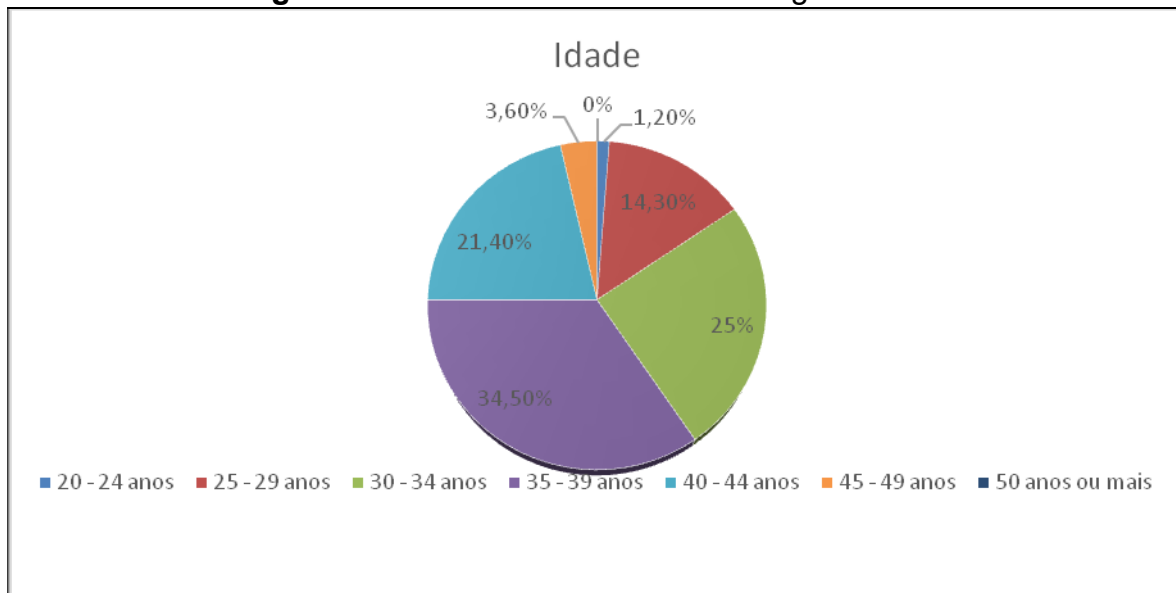


Fonte: CBMGO  
Elaboração: própria

Estes dados, levados em comparação à idade média das entrevistadas, traz outra grande inquietação, revelada pela Figura 3, onde, mais de um terço das bombas pesquisadas (39,3%) possuem entre 35 e 39 anos de idade, seguidas de 27,9% com 40 e 44 anos e 18% entre 30 e 34 anos de idade. Existe assim, uma grande maioria, 85,2% das bombas entre 30 e 44 anos de idade, demonstrando uma força de trabalho ainda considerada jovem, quando se leva em conta as novas percepções acerca do mundo do trabalho que

apregoam o aumento do tempo de contribuição previdenciária e idade mínima para aposentadoria.

**Figura 3:** Idade média das bombeiras goianas

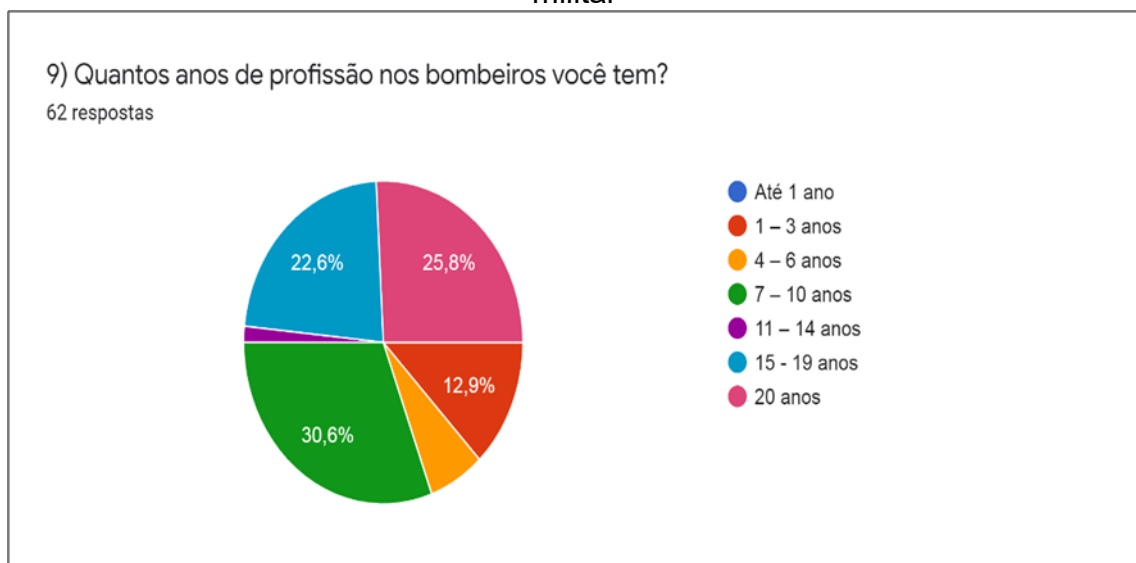


Fonte: CBMGO  
Elaboração: própria

Por outro lado, esta situação demonstra um quadro agudo e crescente de doença ocupacional que não emenda à possibilidade de um maior tempo de serviço, visto que as bombeiras já se encontram predispostas ao aumento de doenças ocupacionais em maior quantidade que as demais áreas de trabalho, quando observadas a categoria idade. Asseverando a noção de doença *versus* tempo de serviço notamos que 30,6% das entrevistadas possuem entre 7 a 10 anos de prestação de serviço nos bombeiros, seguidos 25,8% com 20 anos de serviço e 22,6% entre 15 e 19 anos. Isto comprova, juntamente com as médias de idades que, boa parte delas, entraram muito jovens na corporação, entre 18 e 21 anos de idade, o que é justificado, pelo tipo de inserção profissional anteriormente adotada que se baseava na cobrança apenas do ensino médio até o ano de 2005. Posteriormente, foi cobrado o nível superior o que justifica um tempo maior de entrada neste mercado de trabalho, com o incremento de

mais anos de estudos para a entrada na profissão, o que não deixa ainda de assinalar o desenvolvimento de doenças ocupacionais precoces neste tipo de trabalho.

**Figura 4:** Anos de profissão dedicados exclusivamente ao trabalho bombeiro militar



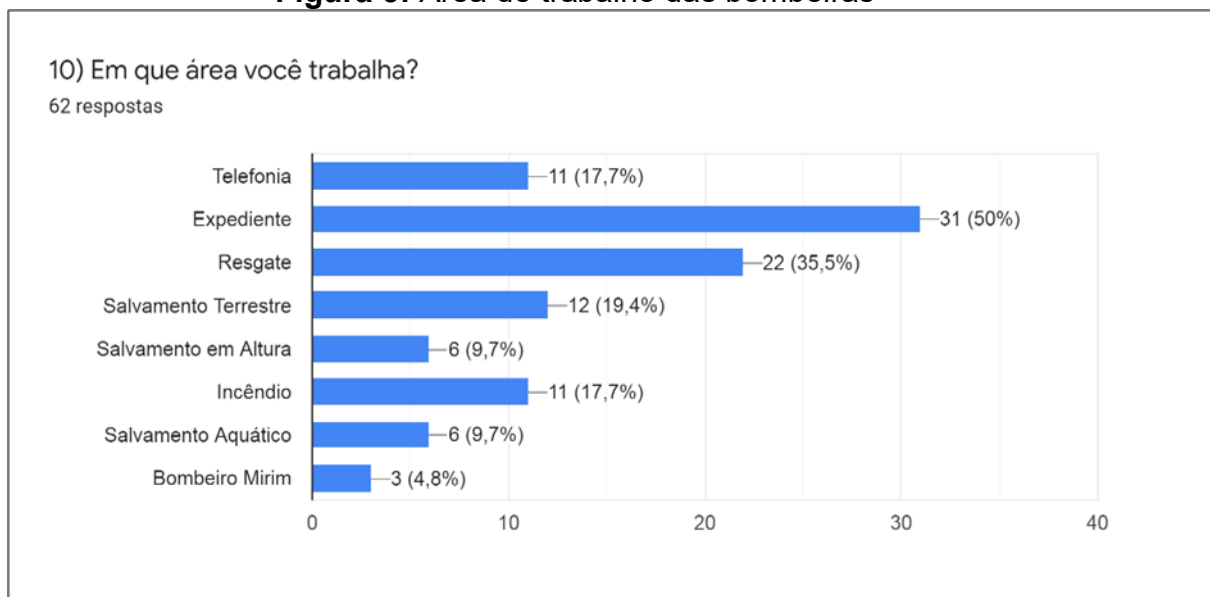
Fonte: CBMGO  
Elaboração Própria

Esta situação é melhor corroborada quando se percebe que as doenças psicopatológicas, observadas em tarefas repetitivas, nas quais o condicionamento do trabalhador no estado permanente de controle e disciplina (DEJOURS, 1998) gera um comportamento condicionado ao aumento do exercício da atividade. Isto, nos bombeiros é observado na constante voluntariedade de efetuar atendimentos às ocorrências para livrar-se do estresse “intra-quartel” e da pressão hierárquica e disciplinar da rotina da caserna (CHADUD, 2013) que somada, no caso das mulheres, às jornadas duplas e triplas, tornam as bombeiras mais sensíveis aos distúrbios psíquicos, como observado na Figura 1 que trata de uso de medicamentos.

Diante deste fato, não somente o psicológico/mental se torna mais desgastado, mas sobremaneira o físico, quando se percebe que ocorre um

aumento importante do número de ocorrências atendidas por cada militar nos últimos anos, principalmente na área de atendimento a primeiros socorros, como o Resgate, e que mais aloca bombeiras para o trabalho operacional como demonstrado na Figura 5:

**Figura 5:** Área de trabalho das bombeiras



Fonte: CBMGO  
Elaboração: Própria

Mesmo que exista um percentual significativo de bombeiras no expediente (50% delas) caracterizado por um ambiente de trabalho “menos pesado” em termos de escala com o exercício das 40 horas semanais, não atendimento direto ao público, diminuição do risco ocupacional e não realização de trabalho noturno, como verificado anteriormente na Figura 1, 67,1% delas sofrem com insônia. Este fator nos leva a acrescentar outra imagem, como visto na Figura 5, acerca do trabalho de resgate, que efetiva 35,5% de bombeiras e é considerado o serviço operacional que mais atende ocorrências como observado na Figura 6, uma imagem que dá um tratamento mais acurado a ideia de desgaste ocupacional, principalmente quando se enumera os atendimentos realizados pelo CBMGO no ano de 2020:

**Figura 6:** Ocorrências atendidas pelo CBMGO ano 2020

GRUPO	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Mai	Junho	Julho	Agosto	Setembo	Outubro	Novembro	Dezembro	Total Geral
RESGATE	6.157	6.454	5.908	4.872	5.416	5.462	5.698	6.009	5.820	6.558	5.829	6.090	70.273
AÇÕES PREVENTIVAS	3.398	4.116	3.547	3.507	2.659	2.052	2.276	2.088	1.983	2.263	2.170	2.220	32.279
BUSCA E SALVAMENTO	1.748	1.504	1.429	1.280	1.202	1.207	1.181	1.403	1.634	1.995	1.905	1.821	18.309
INCÊNDIO FLORESTAL	54	39	125	165	593	1.180	1.737	2.174	2.637	1.374	141	92	10.311
INCÊNDIO URBANO	233	241	263	213	259	254	308	372	410	365	243	250	3.411
DEFESA CIVIL	197	238	160	32	22	29	41	42	38	85	54	60	998
PRODUTOS PERIGOSOS	16	20	35	20	17	21	22	26	25	15	10	19	246
<b>Total Geral</b>	<b>11.803</b>	<b>12.612</b>	<b>11.467</b>	<b>10.089</b>	<b>10.168</b>	<b>10.205</b>	<b>11.263</b>	<b>12.114</b>	<b>12.547</b>	<b>12.655</b>	<b>10.352</b>	<b>10.552</b>	<b>135.827</b>

Fonte: CBMGO

Observa-se que o serviço de Resgate auferiu para si o *hanking* de ocorrências atendidas pelo Corpo de Bombeiros Militar de Goiás (CBMGO) representando um percentual de 70,2733 ocorrências, logo abaixo é evidenciado o atendimento de ações preventivas que também são em boa parte efetuadas por guarnições de resgate em eventos e situações de prevenção à acidentes e pânico. No ano de 2020, o resgate foi responsável por 51,73% das ocorrências atendidas, o que ainda deve se acrescentar, atuações de apoio a todas as demais áreas que sempre executam ocorrências interligados ao serviço dos socorristas.

Importante dizer que, o serviço de resgate concentra o maior nível de insalubridade, tendo em vista, o atendimento de pessoas feridas e doentes, e uma maior exposição a outras adversidades pelos profissionais que o realizam, como aquela deparada no transporte de pessoas infectadas aos hospitais. Esta parte, ficou bastante evidenciada no trabalho de bombeiros, quando no ano de 2020, instaurou-se a pandemia por COVID-19, que elevou ainda mais, o nível de insalubridade das ocorrências, mesmo que o número de ocorrências efetuadas pelos bombeiros no serviço de Resgate tenha sido menor que o ano de 2019, a potencialidade de risco ocupacional por outro lado, foi elevada, mesmo que devido aos períodos de confinamento da sociedade tenha se

diminuído o número de ocorrências quando comparado a 2021. Mesmo assim, o serviço de resgate continuou sendo o de maior proporção em termos de ocorrências atendidas elevando seu percentual em comparação ao todo, como demonstrado na Figura 7.

**Figura 7:** Ocorrências atendidas pelo CBMGO ano 2021(jan-nov)

GRUPO	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maió	Junho	Julho	Agosto	Setembo	Outubro	Novembro	Dezembro	Total Geral
RESGATE	5.842	5.475	5.517	5.937	6.500	6.304	6.902	6.830	6.199	6.681	3.425	0	65.612
AÇÕES PREVENTIVAS	2.607	2.497	2.433	2.349	2.408	2.459	2.941	2.661	2.647	3.371	1.502	0	27.875
BUSCA E SALVAMENTO	1.842	1.667	1.554	1.449	1.540	1.249	1.320	1.770	1.786	2.255	1.000	0	17.432
INCÊNDIO FLORESTAL	103	39	136	287	818	1.119	1.850	2.272	2.261	385	14	0	9.284
INCÊNDIO URBANO	273	211	215	260	274	292	326	360	401	293	107	0	3.012
DEFESA CIVIL	72	132	62	53	41	32	32	45	41	70	31	0	611
PRODUTOS PERIGOSOS	7	16	9	18	17	16	9	25	22	16	5	0	160
<b>Total Geral</b>	<b>10.746</b>	<b>10.037</b>	<b>9.926</b>	<b>10.353</b>	<b>11.598</b>	<b>11.471</b>	<b>13.380</b>	<b>13.963</b>	<b>13.357</b>	<b>13.071</b>	<b>6.084</b>	<b>0</b>	<b>123.986</b>

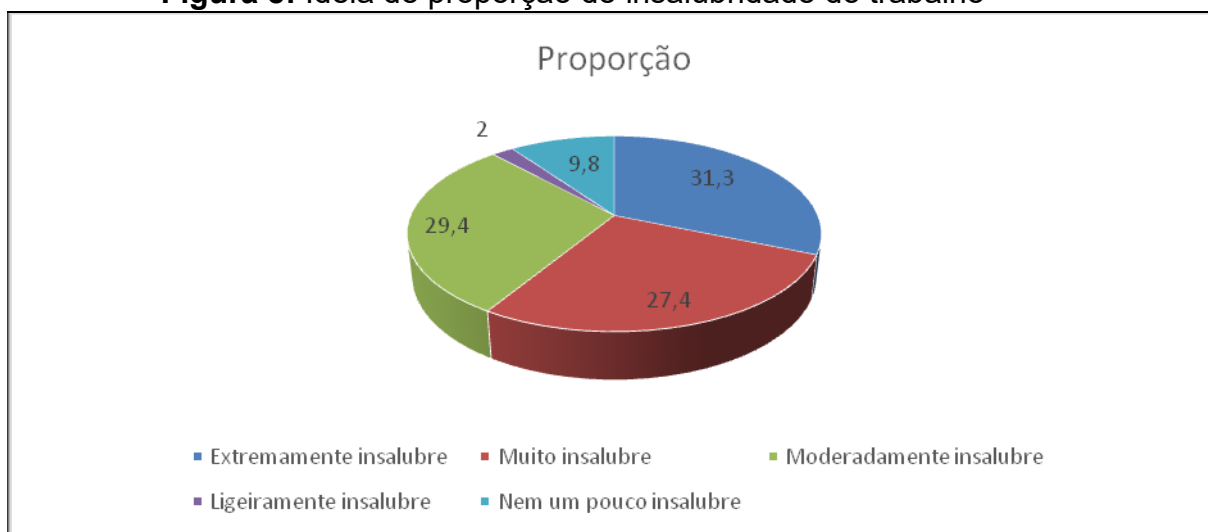
Fonte: CBMGO

Com um percentual de 52,91% de atendimentos, cerca da metade de ocorrências efetuadas pelo bombeiro no ano de 2020, o serviço de Resgate mostrou-se inalcançável em termos de percentual, quando se observa que alcançou mais que o dobro de ocorrências quando comparado ao segundo colocado na tabela. Ainda há que se ressaltar que o Resgate somou mais alguns milhares de ocorrências advindas do serviço de ações preventivas que traz consigo a atuação de suas viaturas de Resgate como apoio e em todos os demais serviços o que o caracteriza, sem sombra de dúvida como a maior atividade de bombeiros realizada atualmente junto à sociedade.

Fica evidente por estas descrições da atividade de Resgate que o nível de possibilidade de contaminação é bem maior que outras atividades pelo número de ocorrências e, também, pelo fato de que são os socorristas que

primeiro efetuam os primeiros socorros em ambientes totalmente desprotegidos e transpassados de risco e perigo no atendimento às vítimas decorrentes de incêndios e salvamentos. A respeito desta representação do serviço como insalubre, sobremaneira no resgate, as bombeiras concordaram em 70,3% com esta assertiva, indicando que:

**Figura 8:** Ideia de proporção de insalubridade do trabalho

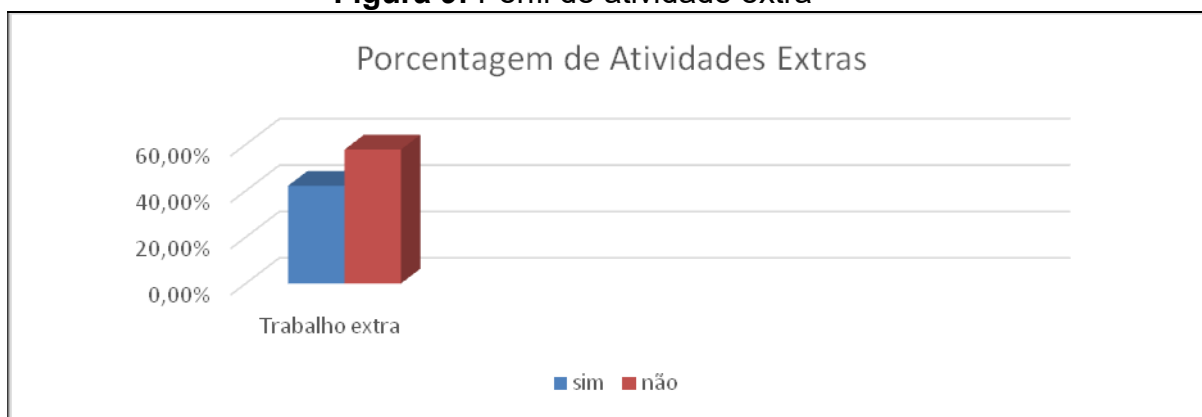


Fonte: CBMGO  
Elaboração: Própria

O trabalho é para elas extremamente insalubre (31,3%), muito insalubre (27,4%) e moderadamente insalubre (29,4%) de acordo com os casos estudados. De outro modo, apenas 2% delas consideram o trabalho que realizam ligeiramente insalubre e 9,8% delas que o consideraram como nem um pouco insalubre. Para estes dois últimos dados, devemos entender que, estas respondentes possivelmente são aquelas bombeiras que de forma alguma executam trabalho operacional, nem mesmo em escala extraordinária, e são lotadas no serviço administrativo, sendo assim, não consideram o serviço burocrático interno insalubre, ou com situações de enfrentamento das circunstâncias de insalubridade tão fortemente exposto como os serviços de rua, operacionais.

Procurando observar com maior destaque o cansaço, fadiga e desgaste ocupacional que indiciam o contexto de doença tanto física, quanto mentais/psicológicas nas bombeiras, indagamos a elas acerca do desempenho de atividades remuneradas para a complementação de renda e obtivemos a seguinte proporção:

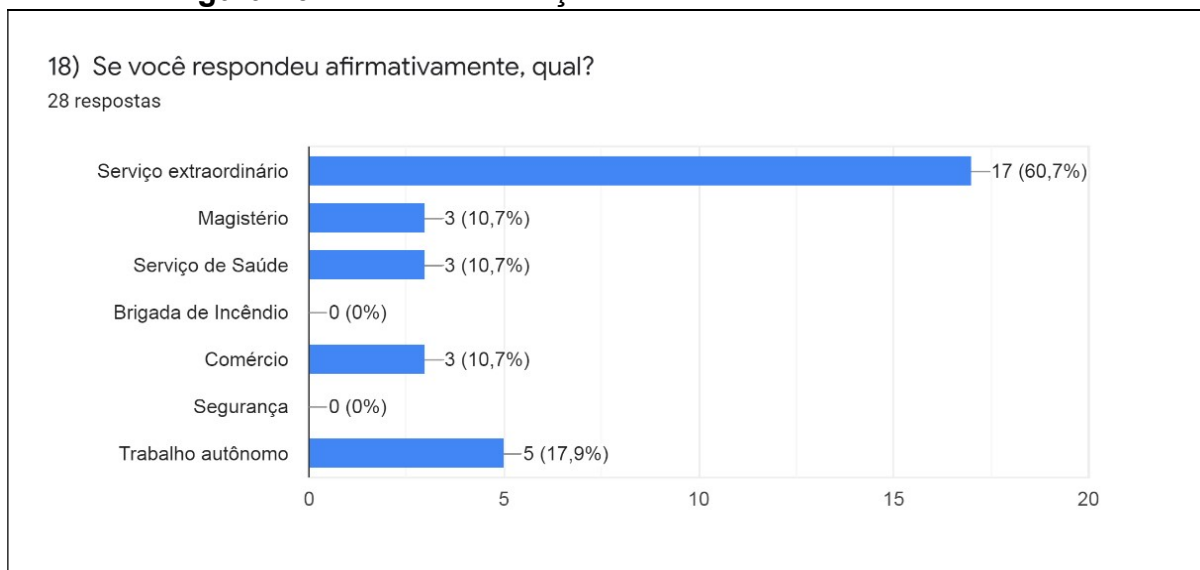
**Figura 9:** Perfil de atividade extra



Fonte: CBMGO  
Elaboração: Própria

57,8% das bombeiras não realizam atividades extras para complementação de renda, ou seja, um percentual alto que tem suas cargas horárias de serviço normais preservadas. As 42,2% delas que o fazem, realizam suas atividades nas seguintes frentes de atuação:

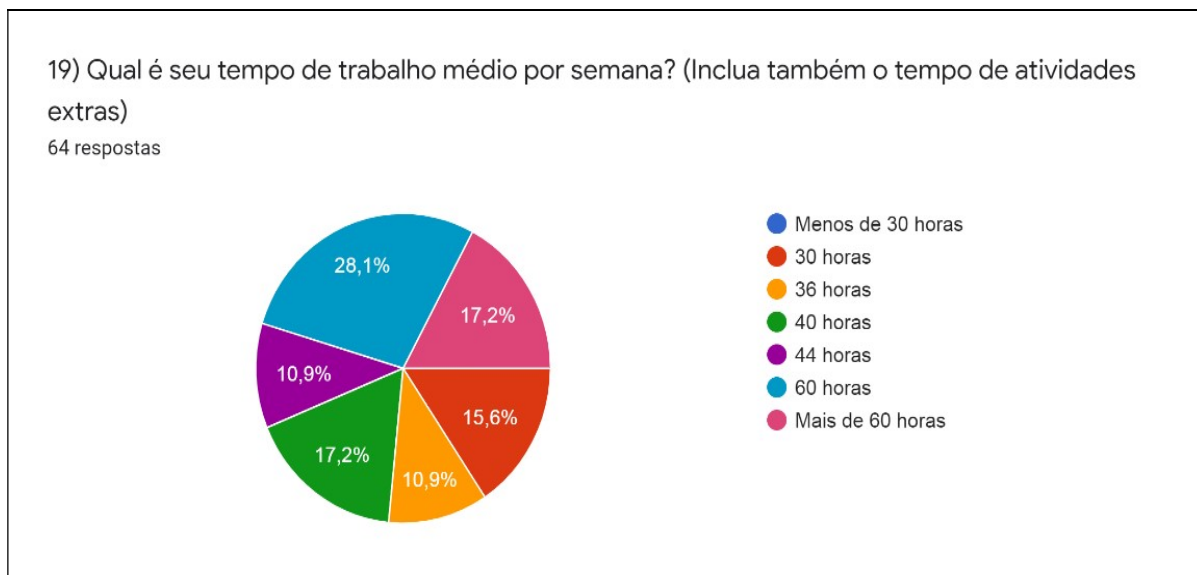
**Figura 10:** Áreas de execução de tarefas extraordinárias



Fonte: CBMGO  
Elaboração: Própria

60,7% delas efetuam serviço extraordinário, 17,9% efetuam trabalho autônomo, 10,7% delas são professoras, outras 10,7% trabalham em serviços ligado à saúde e mais 10,7% são comerciantes. Nota-se que, contrabalanceada às horas de trabalho efetuadas na corporação, as bombeiras em seu tempo de descanso estão mais voltadas a estar neste mesmo espaço de trabalho, pois efetuam sobremaneira o serviço extraordinário de escala para complementação das guarnições e/ou eventos de grande vulto. Desta forma, era importante salientar o tempo de trabalho médio desta bombeira, juntamente com suas atividades extras o que nos levou a um percentual de:

**Figura 11:** Jornada mensal de trabalho das bombeiras



Fonte: CBMGO  
Elaboração: Própria

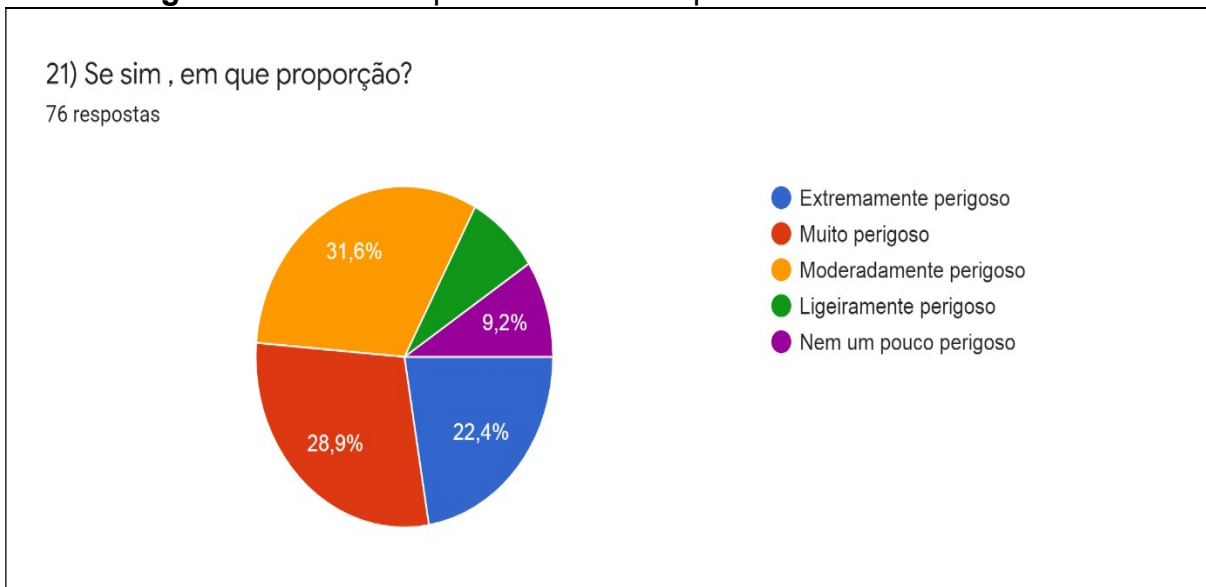
28,1% de bombeiras que trabalham sessenta horas semanais e 7,2% que trabalham mais de sessenta horas semanais, chegando a um total de 45,3% de bombeiras em um quadro de trabalho semanal considerado bastante desgastante e possível de contrair doenças, ainda mais quando se evidencia a jornada dupla e/ou tripla advinda das responsabilidades da casa, cuidados de pessoas doentes/idosas e principalmente filhos para aquelas que são chefes de família. Estas situações apontam um agravamento da qualidade de vida dessas mulheres e a diminuição da qualidade de vida no, para e fora do trabalho.

Ademais cerca de 19,9% trabalham quarenta e quatro horas semanais, 17,2% quarenta horas, 10,9% trinta e seis horas e 15,6% trinta horas. Notamos que quanto mais se diminuem as horas de trabalho semanais, menos percentagem temos de bombeiras trabalhando. Se contrastarmos o tempo maior de trabalho até aqui percebido, com a ideia de periculosidade temos uma significância ainda maior para a predisposição de doenças e até mesmo da

segurança destas bombeiras, já que para 75,6% delas seu trabalho é considerado perigoso, 21,1% não consideram perigoso e 3,3% não souberam o que responder.

Em termos de proporção deste perigo as bombeiras destacaram que:

**Figura 12:** Índice de periculosidade da profissão de bombeiro



Fonte: CBMGO  
Elaboração: Própria

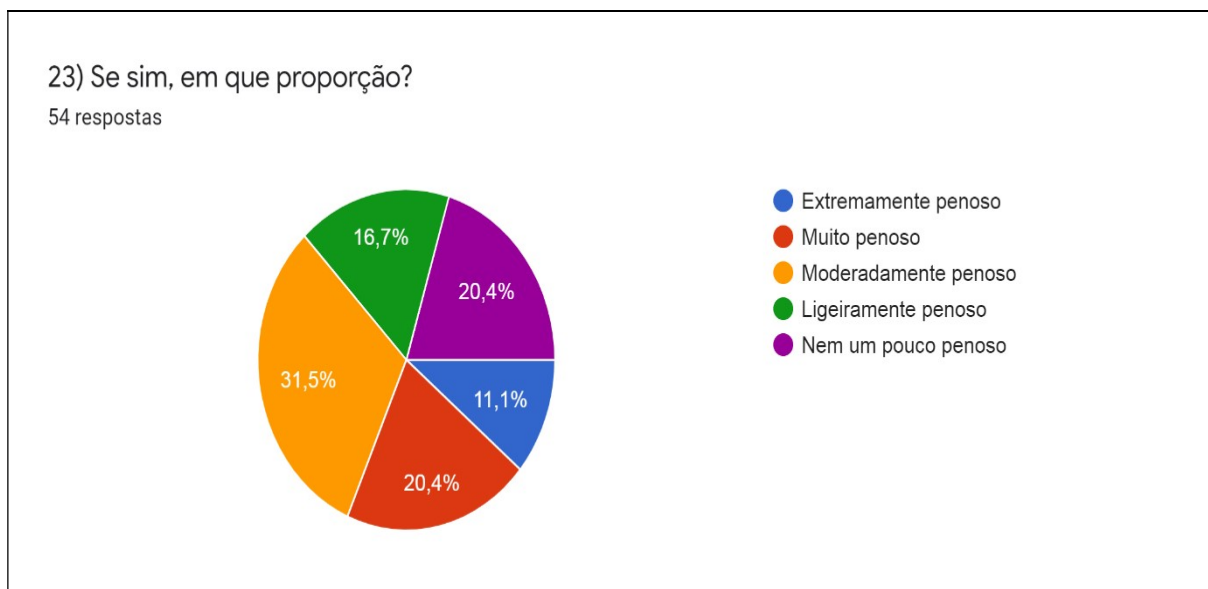
O trabalho é extremamente perigoso para 22,4% delas, muito perigoso para 28,9% e moderadamente perigoso para 31,6% delas. Nota-se que as proporções mais significativas do caráter de periculosidade (extremamente e muito) são concebidas por mais da metade das entrevistadas, cerca de 51,3%. Apenas 7,1% o consideram ligeiramente perigoso e 9,2% nem um pouco perigoso, considerações essas, descritas pela maioria das bombeiras que executam trabalho administrativo e não efetuam serviço de escala extra operacional.

Ainda, sobre a qualidade de vida e segurança no trabalho, procuramos realçar a questão da penosidade que assevera ainda mais a noção de doença

e desgaste ocupacional no entendimento acerca das relações dos indivíduos com seu trabalho, onde as bombeiras apontaram afirmativamente ao critério penoso da atividade em 45,6% dos casos estudados. Para 46,7% delas este critério não se manifestava em sua cotidianidade de trabalho. Apenas 6,7% não souberam responder acerca do critério de penosidade no trabalho o que leva a crer que muitas bombeiras não são expostas diretamente a essas realidades pois, são mais concentradas nas áreas administrativas e não operacionais.

Para as bombeiras que interpretaram o trabalho como penoso, as descrições acerca deste discernimento foram entendidas nas seguintes proporções:

**Figura 13:** Proporcionalidade da ideia de penosidade no trabalho

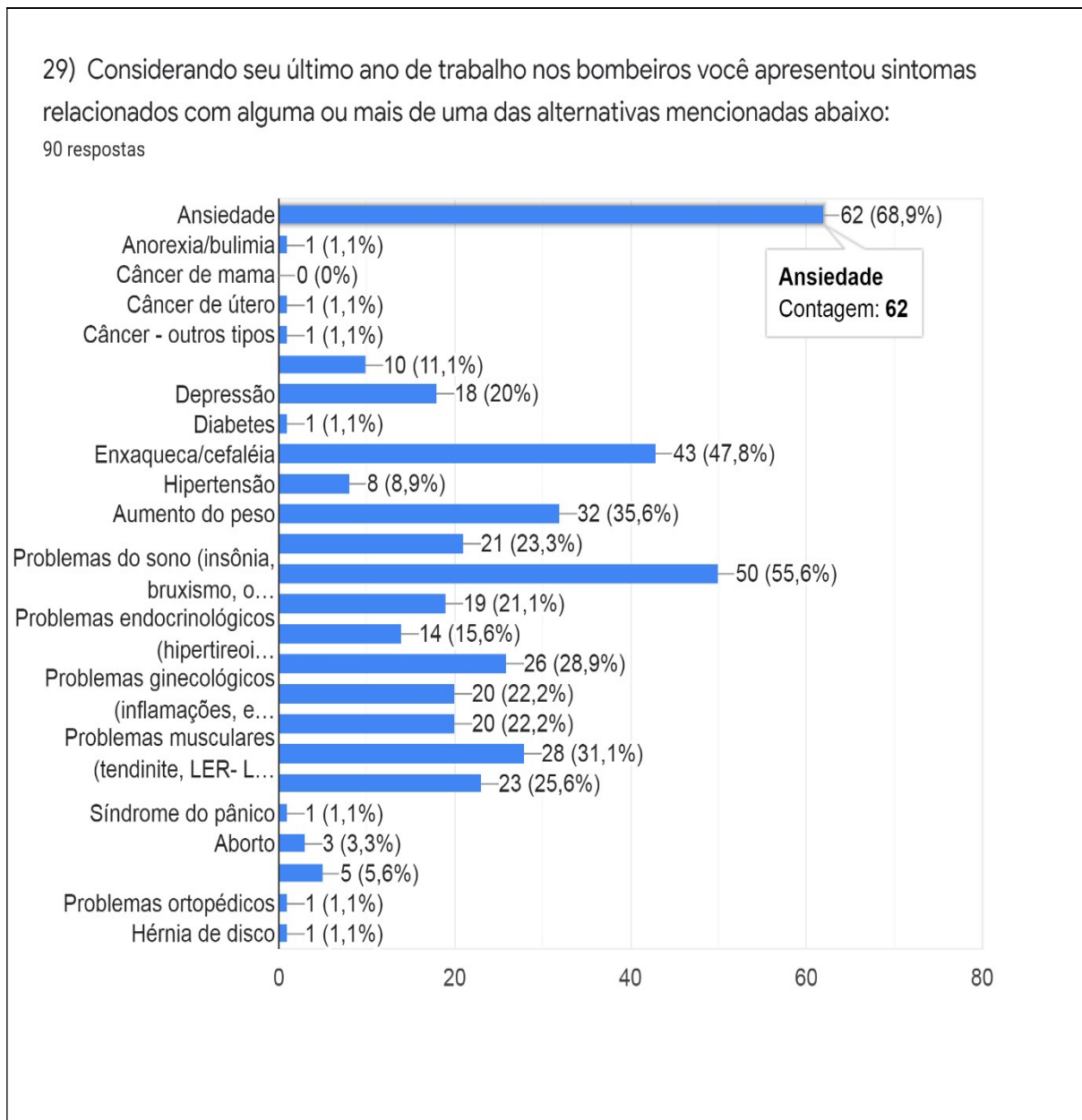


Fonte: CBMGO  
Elaboração: Própria

11,1% consideraram que o trabalho de bombeiros é extremamente penoso, 20,4% muito penoso, 31,5% moderadamente penoso, 16,7% ligeiramente penoso e 20,4% nem um pouco penoso. Notamos que as maiores concentrações de respostas aparecem no critério de moderadamente penoso, seguidas dos índices de muito penoso e nem um pouco penoso que obtiveram as mesmas percentagens. O Gráfico de penosidade, funciona principalmente em relação aos dois últimos dados de concentrações de respostas, um contraste entre aquelas bombeiras que não realizam serviço operacional e as que realizam. São duas realidades diametralmente opostas que nos dá oportunidade de pensar acerca de como podemos criar mecanismos de melhorias da qualidade de vida e segurança dentro de um trabalho que é muito especializado e tem várias formatações de entendimento acerca do que executam e de como este trabalho afeta as vidas de quem o realiza.

Desta racionalização entre tempo de trabalho, desgaste, insalubridade, perigo e penosidade pudemos entender o quão importante se torna a percepção da doença no meio ocupacional das bombeiras tendo em vista que, se agravam os problemas de saúde à medida que se permanece mais tempo nele, seja na jornada semanal, seja no tempo de serviço efetuado. Parte desta representação de saúde laboral atualizada é apontada no gráfico a seguir:

**Figura 14:** Doenças apresentadas no último ano de serviço nos bombeiros



Fonte: CBMGO  
Elaboração: Própria

Em torno de 68,9% das bombeiras sofrem de ansiedade, 55,6% delas com insônia, 47,8% são hipertensas e 20% sofrem de depressão. Todos esses sinais e sintomas estão diretamente ligados à forma com que o trabalho é

executado e a forma como o ambiente de trabalho influencia na saúde e segurança destas pessoas. Esta realidade se torna emblemática quando contabilizamos os problemas de caráter físico que também são importantes para o bom andamento do atendimento às ocorrências, já que a atividade fim do bombeiro se concentra sobremaneira no trabalho braçal e em situações que concatenam insalubridade, periculosidade e penosidade.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A saúde e a segurança profissional são hoje consideradas como questões centrais, pelas quais se busca conferir a qualidade de vida no ambiente de trabalho. Além destes conjuntos, tão especiais para os direitos do trabalhador, o tempo de trabalho e as formas de atuação dentro dele são tidas como atributos que aprofundam ainda mais esta qualidade de vida. Entre exercer um trabalho considerado de maior desgaste, maior percentual de desenvolvimento de doenças e de índice de atendimentos e estar mais predisposta a doenças ocupacionais, as bombeiras goianas estão atualmente vivendo uma realidade oposta à saúde e a segurança, não só delas mesmas, mas também daqueles que delas dependem para a segurança de si e o cuidado de suas vidas. Sua realidade de trabalho é traçada por grandes percentuais de insalubridade, periculosidade e penosidade, sem contar o desgaste próprio da atividade que gera enfrentamentos diversos chegando a instaurar um quadro até mesmo crônico de doença em muitos dos casos estudados.

Depreende-se destas análises que novas formas de gestão e organização do trabalho devem ser planejadas para melhorar a qualidade de vida dessas profissionais bombeiras. São necessárias mudanças que vão desde o entendimento do que é ser bombeiro, da atividade em si, até mesmo de como podemos repensar a forma com que esta atividade percebe a

categoria do gênero feminino e de seus enfrentamentos. Concomitante a esse triplo processo, cabe criar formas de tratamento a esta realidade já exposta e buscar formas mais profícuas de restabelecer a saúde e segurança dessas militares.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BECK, Ulrich. **La sociedad del riesgo: hacia una nueva modernidad**. Barcelona, 1998.

CHADUD, Reycilane Carvalho. Trabalho, Gênero e Identidade: A experiência emocional no serviço de bombeiras militares. Goiânia: Faculdade de Ciências Sociais. Universidade Federal de Goiás, 2017. (tese de doutorado)

\_\_\_\_\_. O socorrista de resgate e o reconhecimento social: dilemas na profissão de bombeiros. Goiânia: Faculdade de Ciências Sociais. Universidade Federal de Goiás, 2009. (monografia)

\_\_\_\_\_. Os socorristas de resgate bombeiros militares: entre o reconhecimento social e a dinâmica da necessidade. Goiânia: Faculdade de Ciências Sociais: Universidade Federal de Goiás, 2013. (Dissertação de mestrado)

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho**. Estudo de psicopatologia do trabalho. São Paulo, Editora Cortez, 1988, 3ª edição, p. 96-118.

GORZ, André. **Metamorfoses do Trabalho** Busca do Sentido Crítica da razão econômica. São Paulo, Annablume, 2007, p.107-235.

## **Revista FLAMMAE**

Revista Científica do Corpo de Bombeiros Militar de Pernambuco  
**Artigo Publicado no Vol.08 N.22 – Edição Especial I de 2022 - ISSN 2359-4829**  
Versão on-line disponível em: <http://www.revistaflammae.com>

---

HOCHSCHILD, A. R. **La mercantilización de la vida íntima**. Apuntes de la casa y el trabajo. Katz editores, Buenos Aires, 2008.

JODELET, Denise (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro, Ed. UERJ, 2001, p.17-44.